

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

LEITURA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA EM UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

READING AS A METHODOLOGICAL STRATEGY IN A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS

Ismael Lopes Mendonça - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Ligia Maria Moreira Dumont - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Origina-se de uma pesquisa que estuda a interação, por via da leitura, de pessoas camponesas com as representações sociais sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos, produzidas por um jornal regional. Objetiva refletir como a leitura serviu de estratégia para a experiência empírica da pesquisa, justificando a sua relevância no estudo. Localiza a leitura nas práticas e técnicas mobilizadas para a coleta de dados da pesquisa, cuja natureza é qualitativa e exploratória, nominando-a como *leitura metodologicamente provocada* ou, em síntese, *leitura provocada*. Apresenta subsídios que embasam a leitura como estratégia da pesquisa centrada em práticas contextualmente ancoradas, descrevendo e analisando como esta foi operacionalizada e o que demandou em termos de recortes. Considera finalmente os aprendizados da pesquisa, seus resultados preliminares e o modo como a estratégia da *leitura provocada* possibilitou apreendê-los, bem como a sua inserção na área da Ciência da Informação, junto à condução de estudos focados em sujeitos.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa – ciência da Informação; promoção da leitura; teoria das representações sociais.

Abstract: It originates from a research that studies the interaction, through reading, of peasant people with the social representations about the semi-arid region of Ceará, Brazil, and its subjects, produced by a regional newspaper. It aims to reflect how reading served as a strategy for the empirical research experience, justifying its relevance in the study. It locates reading in the practices and techniques mobilized for the collection of research data, whose nature is qualitative and exploratory, naming it *methodologically provoked reading* or, in short, *provoked reading*. It presents subsidies that underlie reading as a research strategy centered on contextually anchored practices, describing and analyzing how this was operationalized and what it demanded in terms of cuts. Finally, it considers the learnings of the research, its preliminary results and the way in which the strategy of *provoked reading* made it possible to apprehend them, as well as its insertion in the area of Information Science, together with the conduction of studies focused on subjects.

Keywords: qualitative research – information science; reading promotion; theory of social representations.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se origina de uma pesquisa de doutoramento que estuda a maneira como pessoas camponesas interagem com uma produção jornalística datada de 1998 a 2020, cujo propósito era falar sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos de maneira investigativa. Na pesquisa, parte-se do pressuposto que o ato de *falar sobre algo ou alguém* evoca uma dimensão representacional inserida em contextos em que o poder circula de forma desigual (MOSCOVICI, 2015; THOMPSON, 2011). Assim, ao longo de sua atuação, mesmo a editoria do jornal tendo buscado se portar com fidedignidade perante o universo investigado, as produções eram demarcadas por diferenças de cunho social e cultural, revelando que a intenção e o processo de informar não aconteciam isentos, mas como resultado – e, ao mesmo tempo, promoção – de discrepâncias vivenciadas pelo jornal e pelos sujeitos do campo.

O presente artigo não pretende enveredar pela discussão dessa problemática, nem divulgar resultados conclusivos da tese, que ainda se encontra em fase de construção. O objetivo aqui é refletir como a leitura serviu de estratégia para a experiência empírica da pesquisa, cuja natureza é qualitativa e exploratória, justificando a sua relevância diante das particularidades do estudo. O artigo localiza, então, a leitura junto às técnicas de coleta de dados aplicadas às pessoas camponesas pesquisadas, relatando como se deu a pragmática em campo. Isso porque, conceitualmente, entende-se a leitura como um fenômeno participante dos processos representacionais; uma ação produtora de sentidos, que permite aos sujeitos assumirem posições ante um mundo socialmente mediado e desigual (CERTEAU, 2014; CHARTIER, 1991, 2001, 2003; FREIRE, 1983).

Nessa perspectiva, a leitura – caracterizada aqui como *estratégia metodologicamente provocada* ou, em síntese, *leitura provocada* – tanto se adequou às condições teóricas da pesquisa, como ventilou, na prática, oportunidades para que as pessoas camponesas, ao terem contato com as publicações do jornal, interagissem com essas de maneira significativa, ressaltando a dialética em torno das representações sociais tencionadas pela editoria do jornal. No âmbito do estudo em desenvolvimento, a *leitura provocada* permitiu conhecer não apenas se as pessoas camponesas se identificam com os materiais em questão, mas quais sentidos são apreendidos e articulados por elas, evidenciando análises, ressalvas e demais julgamentos. Isso reforça a ideia de leitura como apropriação informacional – uma relação simbólica, representacional, que acontece pela via dos contextos.

Em vista disso, este artigo está desenvolvido por meio de duas seções: primeiramente, são apresentados os subsídios teóricos que embasam a chamada *leitura provocada*, praticada na pesquisa; em seguida, é descrita e analisada a forma como a leitura foi operacionalizada em campo, bem como o que demandou em termos de recortes. Nas considerações finais, são refletidos os aprendizados da pesquisa, seus resultados preliminares e o modo como a estratégia da *leitura provocada* possibilitou apreendê-los, além de sua inserção na área da Ciência da Informação, junto à condução de estudos focados em sujeitos.

2 FUNDAMENTOS DA LEITURA PROVOCADA

Antes de tudo, é preciso destacar que a *leitura provocada*, nos moldes como é referida aqui, nasceu da necessidade de sistematizar meios que favorecessem a coleta de dados para compor as análises da tese, contribuindo para a sua exequibilidade e validade científica enquanto pesquisa qualitativa (MINAYO, 2012). Trata-se de uma ação metodológica contextualmente ancorada, que buscou promover a interação produtiva para o estudo visado, sem manipular os sujeitos leitores que, no caso, são as pessoas camponesas pesquisadas. Portanto, pelo menos neste momento, não se tem a pretensão de defender a *leitura provocada* como um método ou técnica, mas de refleti-la como uma estratégia desenvolvida em prol do cumprimento da pesquisa, dentro das condições da empiria.

Como dito na introdução, a pesquisa de doutoramento, da qual se origina este artigo e a própria *leitura provocada*, abrange dois universos em interação: o formado pela editoria investigativa do jornal e o constituído pelas pessoas camponesas. Para a primeira situação, foram consideradas as produções que *falam sobre* o Semiárido cearense e seus sujeitos na forma de *cadernos especiais*, que eram uma espécie de suplemento do jornal ligado a grandes reportagens, publicado em formato impresso durante o tempo de operação da editoria, ou seja, entre 1998 e 2020. Para a segunda situação, pessoas que se identificam como camponesas, independentemente de exercerem trabalhos agrícolas, mas que se veem inseridas na região e pertencentes à cultura de convivência com o Semiárido que, em linhas gerais, pode ser entendida como um modo de vida sustentável, harmonioso com a natureza e socialmente solidário, que valoriza a diversidade local e o senso de coletividade.

Como também mencionado há pouco, de acordo com a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2015) e com a concepção estrutural de cultura (THOMPSON, 2011), percebe-se que as representações do jornal – como qualquer outra de matriz social – não

foram mobilizadas e materializadas à toa pela equipe. Essas representações são fruto de convenções que carregam indícios de intencionalidade e de poder oriundos da estrutura irregular dos contextos sociais. Assim, segundo as teorias elencadas, ao *falar sobre* o Semiárido e seus sujeitos, a editoria gerava relações ancoradas e objetivadas por sua perspectiva organizacional, produzindo e reproduzindo informações impregnadas de condicionamentos, que dizem respeito a um modo específico de pensar os objetos representados, de convertê-los e mediá-los conforme as diretrizes e finalidades do jornal.

Tem-se, então, uma produção cultural e informacional marcada que, não apartada dos mecanismos simbólicos de criação e de circulação, acaba disseminando as características provenientes desses contextos. Como exemplo, cita-se o fato do jornal, há 95 anos em exercício – dos quais, 22 anos foi o tempo de atuação da editoria pesquisada –, ter construído uma tradição longa de *falar sobre* o Semiárido e seus sujeitos, sem que estes tivessem acesso regular ao conteúdo, pois a capilaridade do jornal, sediado na capital cearense, está concentrada no cenário urbano. Essa questão reforça as rupturas presentes entre os meios urbano e rural, em que o primeiro segue privilegiado em detrimento do segundo. Por isso, como prolongamento do problema em torno das representações serem inclusivas ou não – cuja discussão foge do alcance deste artigo –, o jornal acentuava discrepâncias existentes entre o interior e a capital, comunicando efetivamente para pessoas não habitantes em zonas rurais, por não possuir meios sistemáticos de levar a produção ao campo.

Essa dimensão crítica das representações sociais foi levada em consideração não somente na fundamentação, mas também na operacionalização da *leitura provocada*, como será visto na próxima seção. Por enquanto, cabe dizer que, como forma de confrontar a força simbólica mediada pelo jornal, buscou-se na leitura, definida como produção de sentidos, a maneira de viabilizar o contragolpe protagonizado pela pessoa camponesa. Epistemologicamente, essa compreensão de leitura ganhou espaço a partir dos chamados *teóricos da Escola de Constança* (LIMA, 1979), na década de 1960, notadamente por intermédio de Jauss (1979) e de Iser (1979). Estes pensadores deslocaram a centralidade até então fixada na estética da produção literária e na figura do autor, para abordar os estudos literários sob o viés da interação do sujeito leitor e de sua fruição hermenêutica.

Com isso, passou-se a responsabilizar o sujeito leitor pelas significações com as quais os textos podem ser definidos ou classificados – uma ação, porém, circunscrita ao domínio da erudição, porque a leitura legitimada pelos teóricos de Constança era aquela praticada com o

rigor da crítica literária, um critério deslocado da realidade cotidiana. Assim, tendo em vista a complexidade das relações socioculturais, além da necessidade de se chegar ao leitor comum na pesquisa, sem estigmatizar a sua leitura, optou-se por trabalhar com autores que dialogam com a complexidade, como Freire (1983), Chartier (1991, 2001, 2003) e Certeau (2014), cujas abordagens contemplam a dimensão social da leitura, em sua pluralidade fenomenológica, possibilitando pensar a *leitura provocada* como uma estratégia não excludente.

Freire (1983), educador, concebe a leitura como uma ação crítica, formativa e libertária, que não se limita à decodificação do alfabeto, mas acontece impregnada das experiências culturais da pessoa leitora, de suas memórias, afetos e conflitos. Este autor prioriza o que intitula de *leitura do mundo* (FREIRE, 1983), que diz respeito a como as vivências sociais interferem na maneira como as coisas são interpretadas, incluindo os textos. Para Freire (1983), a leitura do mundo é um aprendizado experienciado pelo sujeito junto às relações dialéticas do seu dia a dia, sendo por meio da apreensão da leitura do mundo que as palavras são significadas. Dessa maneira, a interação com um texto não se dá de forma isenta nem é imposta, mas negociada pelos sujeitos que reconhecem nesta ação um modo de demarcar o seu lugar social e de enfrentar relações dominantes.

Chartier (1991, 2001, 2003), historiador da cultura escrita, ao refletir sobre a materialidade significativa dos textos e sobre a experiência cultural das práticas leitoras, também subsidia a noção da *leitura provocada*. Para este autor, a leitura se dá de forma ancorada em uma dimensão sócio-histórica, portanto, material, em que os textos não são entendidos como abstrações linguísticas, mas revelam um corpo esteticamente planejado e executado nos processos editoriais, no intuito de gerar leituras do tipo *implícitas* (CHARTIER, 2001), ou seja, tencionadas por um editor. Por sua vez, os sentidos objetivados na materialidade do texto são negociados pelo sujeito leitor que, imbuído da experiência social, interage com esses sentidos, colocando-se em jogo e inserindo-se “num espaço, [numa] relação consigo ou com o outro” (CHARTIER, 1991, p. 181), que diz respeito à apropriação.

Esta apropriação, como definida por Chartier (2001; 2003), não se assemelha ao ato de assimilar pacificamente informações mediadas, mas de interagir e de interferir, pela leitura, nos sentidos materializados editorialmente no texto – uma ação que resulta de um processo análogo ao da transgressão, da postura de desacato perante autoridades culturais representadas no e pelo texto. Nesses termos, conforme Chartier (2003, p. 153), a apropriação é um fenômeno capaz de corromper e desarticular a “dominação simbólica” objetivada no

texto, porque diz respeito aos “empregos, usos, maneiras de fazer seu o que é imposto [ao sujeito leitor]”. Nisso, faz-se “algo com o que se recebe” (CHARTIER, 2001, p. 116), apropria-se de sentidos ou informações de maneira não simplesmente obediente, mas ancorada segundo interesses e motivações do sujeito leitor, que por sua vez age condicionado ao seu contexto social, isto é, à sua *comunidade hermenêutica* (CHARTIER, 2001).

A fundamentação da *leitura provocada* se completa com Certeau (2014), também historiador, ao caracterizar a leitura como uma relação anticonformista de consumo, ou seja, como uma produção que, mesmo silenciosa e transitória, soma esforços contra a dominação social representada no mundo dos textos. Isso porque, para este autor, a leitura decorre de *táticas*, que são movimentos irregulares, discretos e não programados, com os quais o cotidiano é socialmente formado e dinamizado. Em uma sociedade em que as instituições e a própria cultura – vista como sistema normativo – atuam como cerceadoras de experiências humanas, a leitura permite que o sujeito insinue “as astúcias do prazer e de uma reapropriação no texto do outro”, produzindo um “mundo diferente [...] no lugar do autor” (CERTEAU, 2014, p. 47-48). É por compreender o aspecto significante e transgressor da leitura, que Certeau (2014, p. 240) afirma que “ler é peregrinar por um sistema imposto”, um “lugar onde se entra e de onde se sai à vontade” (CERTEAU, 2014, p. 245), garantindo protagonismo e liberdade, mesmo em ambientes socialmente regulados, vigiados e punitivos.

Portanto, tem-se estes autores e seus conceitos como os pilares teóricos mobilizados para dar prumo à prática da *leitura provocada* na pesquisa: uma estratégia que procurou priorizar a perspectiva das pessoas camponesas, seus contextos e motivações, de maneira a produzir sentidos pesquisáveis. Além disso, as intenções mediadas materialmente pelo jornal – informações editorialmente processadas para causar efeitos – não foram ignoradas, tomando-se proveito delas e dos recursos imagéticos, como fotografias e tipografias, por exemplo, que marcam a estética e a abordagem dos cadernos especiais em estudo. Essas questões, além do percurso metodológico da operação, serão descritas e analisadas a seguir.

2 OPERACIONALIZAÇÃO DA LEITURA PROVOCADA

Pela seção anterior, assume-se a *leitura provocada* alinhada às seguintes sentenças: (i) leitura como produção de sentidos; (ii) leitura como ação não excludente; (iii) leitura como relação de mundo; (iv) leitura como objetivação e apropriação; e (v) leitura como transgressão simbólica. Além de buscar agregar tais características, o desafio da operacionalização empírica

procurou contemplar as particularidades que, segundo Sá (1998), devem ser observadas nos estudos de representações sociais. Em suma, este autor afirma que as representações sociais, ao serem estudadas, passam por um processo de cientificidade que as transforma de fenômeno cotidiano, fruto de relações do senso comum, para objeto de estudo que “não constitui uma réplica do fenômeno, mas uma aproximação ditada pelas possibilidades e limitações da prática da pesquisa científica” (SÁ, 1998, p. 15).

Portanto, tem-se em mente que o fenômeno é submetido às interferências do “universo reificado da ciência” (SÁ, 1998, p. 22), concretizado pelo rigor metodológico. Seguindo essa lógica – e tomando o pressuposto de Certeau (2014) –, a *leitura provocada* não deve ser confundida como *tática*, posto ser uma *estratégia* planejada e conduzida para a finalidade da pesquisa. Por isso, não se trata da mesma experiência leitora que os sujeitos provavelmente teriam caso não estivessem participando do estudo, mas de uma aproximação típica das explorações qualitativas (MINAYO, 2012), uma *provocação* à qual os sujeitos foram esclarecidos e convidados a interagir, respeitando as liberdades de recusa e desistência de qualquer um e a qualquer tempo¹. Buscou-se nessa estratégia dar centralidade às pessoas pesquisadas, respeitando as apropriações ou produções de sentido mediadas pelas leituras que fizeram, bem como a forma como elas se posicionaram em relação ao próprio estudo.

Dito isso, a estratégia da *leitura provocada* envolveu recortes nos dois universos da pesquisa. No primeiro, houve a seleção dos materiais da editoria a serem lidos, tendo em vista que o total contabilizado de cadernos especiais que *falam sobre* o Semiárido cearense e seus sujeitos é de 35 cadernos, em que as publicações menos volumosas possuem oito páginas e a maior, 20 páginas. Assim, na intenção de não descaracterizar o formato padrão dos cadernos especiais e de oferecer meios pragmáticos para que a leitura e as entrevistas ligadas a ela acontecessem, foram selecionados quatro cadernos (figura 1) conforme os seguintes critérios:

- Resultar da fase estruturada da editoria, que compreende o período entre 2006 e 2019, pois se entende que é neste momento em que a produção dos cadernos passou a ser sistematizada, adquirindo um *modus operandi* que regulava como as representações sociais eram trabalhadas pela equipe do jornal;

¹ No decorrer da empiria, houve a desistência de uma pessoa que integraria o grupo leitor. A decisão dela foi acatada e, em seu lugar, foi recrutado outro sujeito, de perfil semelhante. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo comitê de ética da universidade à qual o pesquisador está vinculado, recebendo uma via desse documento assinada pelo pesquisador.

- Relacionar-se ao cotidiano das pessoas camponesas em estudo, a fim de estimular o interesse delas pelos materiais, submetendo a fatualidade mediada nos cadernos do jornal ao crivo dos sujeitos que a vivenciam ou testemunham.

Figura 1 – Capas dos cadernos especiais selecionados para a pesquisa.



Fonte: Acervo do pesquisador.

O primeiro caderno, *Documento BR: histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais*, foi publicado em 17 de dezembro de 2006 e possui 12 páginas. Traz relatos de vítimas dessa violência, denunciando a participação de policiais,

profissionais do transporte de cargas e comerciantes em pontos localizados próximos a rodovias que cruzam o Estado. O caderno data do mesmo ano em que o governo federal lançou uma campanha de combate à exploração sexual, resultando ainda de um prêmio conquistado pelo jornal, promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI).

O segundo caderno, *Os quinze: capítulo 1*, foi publicado em 18 de agosto de 2015 e possui dez páginas. Integra uma série de reportagens especiais chamada *Peleja pela água*, lançada entre 2012 e 2017, que aborda a grande estiagem que acometeu o Estado do Ceará durante esse período. O título faz menção ao romance de Raquel de Queiroz, *O quinze*, que completava 100 anos. Traz histórias de pequenos produtores que conseguiram se adaptar ao regime de escassez de água. O capítulo dois, que continua este caderno, foi lançado na semana seguinte e traz mais exemplos desse modo de convivência com a seca.

O terceiro caderno, *A seca que matou os peixes*, de 30 de agosto de 2016, e o quarto, *A premência pela água*, de 13 de outubro de 2017, também estão inseridos na série *Peleja da água*. Com 12 páginas, *A seca que matou os peixes* (2016) trata dos efeitos da estiagem que atingiu os açudes do Estado, com relatos de pescadores prejudicados pela situação. Já o caderno *A premência pela água* (2017), com oito páginas, denuncia os atrasos operacionais e os desvios de verba pública na obra *Cinturão das Águas do Ceará* – um projeto de aproximadamente 1.200 km de extensão, que interliga o eixo norte do canal da transposição do rio São Francisco, situado no sul do Estado, à Região Metropolitana de Fortaleza, litoral.

Quanto ao recorte relacionado ao segundo universo da pesquisa, refere-se ao processo de recrutamento das pessoas para compor o grupo leitor. A ação exigiu conhecer o contexto delas, algo que norteou a seleção dos cadernos e que se deu por imersão etnográfica em uma comunidade ligada à Escola Família Agrícola Dom Frágoso (EFA Dom Frágoso), localizada na zona rural de Independência, Ceará. Essa comunidade foi escolhida devido ao papel agregador e formativo que exerce em vários municípios cearenses, não apenas em Independência, pertencentes aos sertões de Crateús, Inhamuns e Central. Ela contribui com o fortalecimento da cultura de convivência com o Semiárido na região², e suas bases estão no trabalho sociopolítico realizado pela Diocese de Crateús, responsável pelo local, em parceria com movimentos populares e sindicais. Oficialmente inscrita como uma escola de ensino médio, a

² A importância da cultura de convivência com o Semiárido se justifica neste estudo porque “o objeto [...] deve] ter suficiente [...] ‘espessura social’” (SÁ, 1998, p. 45), assumindo a forma de “um saber efetivamente praticado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente” (SÁ, 1998, p. 50).

EFA Dom Fragoso se particulariza pela educação contextualizada no campo, sendo reconhecida por onde atua como *uma escola formada por camponeses para camponeses*. Em sua proposta didática, além da parte técnica ligada às práticas de cultivo adaptadas ao Semiárido local, estimula nos educandos e em suas famílias e comunidades de origem uma consciência crítica acerca do meio em que vivem, colaborando com a permanência dessas pessoas na região, de modo ecologicamente sustentável e socialmente solidário.

A partir do contato com a comunidade ligada à EFA Dom Fragoso, outros ambientes e sujeitos puderam ser contemplados na pesquisa, diversificando o grupo leitor: dez pessoas de perfis variados, desde um jovem locutor da rádio local até uma senhora idosa, produtora rural. Apesar das diferenças³, o grupo apresenta o que Jovchelovitch (2008) chama de *referencial comum*, fator essencial para a definição de uma comunidade. No caso, essa comunidade não está delimitada por fronteiras físicas, mas simbólicas, que orbitam em torno do modo de vida camponês ordenado pela cultura de convivência com o Semiárido cearense, o que permite caracterizar as pessoas do grupo leitor como representantes de uma comunidade rural camponesa. Em síntese, os critérios usados para o recrutamento das pessoas no grupo foram:

- Identificar-se como pessoa camponesa, participante da cultura de convivência com o Semiárido cearense, pois o fator gregário possui relevância nos estudos de representações sociais de viés antropológico, além dos de leitura;
- Saber ler, não importando a proficiência nem a escolaridade da pessoa;
- Ser maior de 18 anos, em conformidade com o quesito aprovado pelo comitê de ética da universidade em que a tese está sendo desenvolvida;
- Ter interesse e disponibilidade em participar da pesquisa, atestados pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- Preferencialmente, desconhecer os cadernos especiais em estudo, porque, embora não fosse decisória, a não familiaridade da pessoa com os materiais do jornal geraria dados relevantes para o estudo das representações sociais⁴.

³ As idades das pessoas do grupo variam entre 26 e 83 anos, sendo cinco do sexo masculino e cinco do feminino. Sete pessoas residem em Independência, uma em Crateús, uma em Quixeramobim e uma em Choró. Quanto às ocupações, há duas pessoas educadoras e duas educandas da EFA Dom Fragoso, duas radialistas, uma produtora rural, uma líder sindical, uma aposentada e uma *leiga* – agente paroquial não ordenado pela Igreja.

⁴ De acordo com Moscovici (2015), as representações sociais resultam do processo de tornar familiar o que não é familiar, uma ação condicionada à experiência social e cultural dos sujeitos, que se revelaria na leitura deles.

Vale ressaltar que, por causa das dinâmicas locais, agravadas pelo período de chuvas no Estado, que pioraram a situação das estradas rurais e restringiram acessos durante a empiria, a seleção das pessoas camponesas foi paulatino: aconteceu durante a imersão etnográfica, e as indicações recebidas dos membros da comunidade ligada à EFA Dom Fragoso foram submetidas aos critérios do recrutamento. Paulatina também foi a aplicação da *leitura provocada*, devido aos fatores citados. Sua condução envolveu três encontros realizados individualmente com o auxílio de entrevistas semiestruturadas, como sintetizado a seguir:

- **Primeiro encontro** – entrevista introdutória, contemplando: identificação pessoal; ligação com a comunidade rural; caracterizações sobre *sertão*, *identidade camponesa*, *mídia* e *jornal pesquisado*; e gosto pela leitura. Ao final, foram disponibilizados em conjunto os cadernos *Documento BR* (2006), *Os quinze* (2015) e *A seca que matou os peixes* (2016), combinando um prazo flexível de leitura do material;
- **Segundo encontro** – entrevista sobre a leitura desses três cadernos, envolvendo: relato da experiência leitora; preferências temáticas; sensações ou lembranças despertadas; mudanças de pensamento ou opinião; críticas e julgamentos; identidade com o material. Ao final, foi disponibilizado o caderno *A premência pela água* (2017) e combinado o prazo flexível de sua leitura;
- **Terceiro encontro** – entrevista sobre a experiência leitora desse último caderno, seguindo roteiro similar ao utilizado no segundo encontro.

A forma como os quatro cadernos especiais foram disponibilizados ao grupo teve como motivação a diferença quanto à natureza dos enfoques dados pela editoria. Embora o Semiárido cearense esteja representado sob óticas diferentes nos três primeiros cadernos – pela da violência, pela da convivência com a seca e pela da tragédia da seca, respectivamente –, o aspecto social está ressaltado nos três materiais, com histórias de vida, fotografias humanizadas, letras de estilo manuscrito, ilustrações lúdicas etc. O contrário acontece com o quarto caderno, cujo enfoque é político e estão priorizadas imagens da construção do canal, levantamentos técnicos, cores sóbrias, letras de aspecto sisudo e infográficos detalhados.

Diante disso, a estratégia de dividir os cadernos nos encontros consistiu em saber primeiramente como as pessoas se comportariam com os materiais aparentemente mais suscetíveis ao gosto delas, por enfatizarem o aspecto humano, para comparar esta experiência com a leitura de um caderno que, apesar do tema ser igualmente sensível a elas

– pois o grupo criticava o poder público nas entrevistas –, tratava-se de uma publicação que tanto era mais “séria” ou “fria” em relação às anteriores, como parecia exaltar o projeto da transposição do rio São Francisco – outro assunto polêmico para a comunidade camponesa estudada, que acusa as obras de interferirem nos ecossistemas locais, além de privilegiarem setores e sujeitos poderosos, como os do agronegócio, ao qual se opõe com veemência.

Embora este artigo não trate dos resultados conclusivos da pesquisa, pode-se dizer em linhas gerais que a provocação permitiu que as pessoas camponesas refletissem sobre si e sobre o seu entorno, considerando: (i) as representações delas sobre o universo delas; (ii) as representações delas sobre as representações mobilizadas pelo jornal; e (iii) as representações delas sobre os demais tópicos abordados, como a grande mídia. Sobre o tópico “(i)”, os dados parciais indicam que a inscrição contextual influencia o modo como os sujeitos caracterizam a si mesmos e seu entorno. A crítica social, estimulada cotidianamente pela Diocese de Crateús e pela EFA Dom Frágoso, conduz os sujeitos a um processo de colocação em alteridade (JODELET, 2005) que, do ponto de vista representacional, tanto serve para agregá-los, como exclui os considerados divergentes desse modelo cultural, definindo as fronteiras simbólicas da comunidade e protegendo a identidade que elegeram para si.

Com relação ao tópico “(ii)”, é possível dizer que a inscrição contextual também ressoa nas leituras realizadas. Alguns participantes construíram narrativas ancoradas nas ordenações da comunidade, interligando os temas dos três primeiros cadernos da seguinte maneira: a pessoa do meio rural, que valoriza o campo e que se articula para conviver com as condições semiáridas, está representada em *Os quinze* (2015). Já o sujeito que vive de modo contrário a essa lógica acaba sofrendo consequências, como os personagens relatados em *A seca que matou os peixes* (2016) e em *Documento BR* (2006). Nesta análise parcial, percebe-se um tipo de camponês encarnado pelo julgamento moral dos sujeitos e que diz respeito à dimensão cultural compartilhada na comunidade. Quanto ao caderno *A premência pela água* (2017), parte dos leitores provocados pela pesquisa contesta a ideia da transposição do rio São Francisco, criticando-a como uma obra faraônica e ilusória, e que a real solução para o problema da escassez de água no sertão estaria nos formatos de captação e armazenamento adotados pelos agricultores familiares – outra manifestação da ancoragem exercida pelos camponeses em suas leituras, condizente com o cotidiano deles e sua cultura.

Sobre o tópico “(iii)” – cujas questões foram feitas no primeiro encontro, no intuito de evitar que o contato antecipado com os cadernos influenciasse a opinião dos sujeitos –, esta

talvez seja a seção que mais evidencia o contraditório presente na comunidade, bem como a dinamicidade com a qual as visões de mundo podem ser atualizadas pela leitura. Pois uma parte dos sujeitos, subsidiada pela inscrição contextual, manifestou-se previamente contra a mídia, caracterizando-a como uma instituição a serviço de poderosos. Entretanto, observou-se que essa crítica foi suavizada ao longo das leituras, no momento que os sujeitos relatavam não encontrar conteúdo estranho, falso ou exagerado sobre a realidade do campo nas matérias. Mesmo os contrários à transposição do rio São Francisco, afirmaram que o jornal não tomou partido pelo projeto e que forneceu informações úteis à comunidade, ao revelar ilicitudes nas obras, por exemplo. Com isso, considera-se que houve um processo de identificação negociada dos leitores com a amostra, na medida em que eles não praticaram uma assimilação cega ou irrestrita, mas tensionamentos e apropriação (CHARTIER, 2003), avaliando os cadernos mediante a formação cultural adquirida em seus contextos.

Em vista disso, pode-se afirmar que os sentidos apreendidos pelo grupo fazem referência ao contexto cultural da comunidade pesquisada, evidenciando os consensos e os dissensos dessa comunidade. Além disso, as leituras praticadas pelo grupo foram do tipo analíticas, quer dizer, exercidas com criticidade e fôlego, o que permitiu que os sujeitos demarcassem o seu lugar social frente às representações materializadas pelo jornal. Dialeticamente, ao fazerem isso, os sujeitos do campo também manifestavam julgamentos e preconceitos como uma forma de se protegerem e de se engajarem, ressaltando o caráter aguerrido das representações sociais (JODELET, 2005; MOSCOVICI, 2015). Em suma, apesar das dificuldades da região – que atestam que as acusações da comunidade contra o poder público têm uma razão de ser –, o grupo se mostrou motivado e interagiu de forma significativa com a pesquisa, cedendo gentilmente o tempo necessário, no curso de seus afazeres, para participar, recebendo sempre de bom grado o pesquisador.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência de uma pesquisa pode contribuir com a desmistificação do olhar, ajudando a romper preconceitos. No caso desse estudo de representações sociais, a experiência tem mostrado que as pessoas pesquisadas não cabem em rótulos, sejam os sistematizados pela produção midiática, em seus raios de dominação simbólica, sejam os normalizados pelo senso comum, em representações trivializadas que tanto alimentam a cultura das mídias, como seguem alimentadas por elas. A prática da pesquisa tem revelado também o quanto o campo

– território rural e categoria empírica – é complexo, um organismo dinâmico que desafia o fazer científico e sua intenção de configurá-lo em um conjunto de dados inteligíveis. O campo é maior que isso, assim como os sujeitos dele o são. É por isso que a pesquisa demanda um olhar sensível; é por isso que o cientista precisa se humanizar do campo que estuda.

Esses ensinamentos a que todo pesquisador pode ter acesso devem ser respeitados, ainda mais na área da Ciência da Informação, em sua condução acerca do fenômeno informacional de natureza social, simbólica, cultural. Isso pode auxiliar no desenvolvimento de meios que, no lugar de silenciar sujeitos e suas epistemologias, evidenciam-nos, desafiando o modelo colonizador. A centralidade na informação social requer essa reordenação e seu compromisso metodológico, assim como nas pesquisas que envolvem a leitura e o protagonismo leitor. No caso deste estudo, buscou-se priorizar os sujeitos, a forma como teceram sentidos para os materiais e os próprios sentidos tecidos, independente das apropriações parecerem estranhas ao senso domesticado pelo modelo normativo da Ciência.

A estratégia empírica da *leitura provocada* permitiu que o grupo movimentasse a espiral das representações sociais, atualizando os sentidos mediados pelo jornal, assim como as percepções de mundo que os participantes constroem para si. Nesse tocante, as fronteiras entre quem está simbolicamente fora e dentro da comunidade foram desestabilizadas, no entanto, sem excluir o referencial comum que os sujeitos elegem para ordenar e proteger a sua identidade cultural. Observa-se que esse resultado preliminar pôde ser chegado graças à maneira atenta como a provocação foi conduzida em campo, dialogando com as ações metodológicas que permitiram abrir caminho para a aplicação da leitura, como também com aquelas que, no ato da condução, permitiram a interação densa dos sujeitos.

A abordagem tríplice, contemplando ciclos de leitura e entrevista, com seleção e distribuição dos cadernos, favoreceu a escuta atenta ao que as pessoas se dispuseram a *falar sobre* o que leram, estimulando a participação delas e evidenciando os aspectos representacionais, informacionais, identitários e críticos que a pesquisa aborda. Portanto, pode-se perceber que a *leitura provocada* contribuiu com o estudo de representações sociais. Até porque, como fenômeno, a ação *leitura* já manifesta uma função representacional ao produzir sentidos, mediar saberes, unir universos, gerar mudanças de vida.

REFERÊNCIAS

A PREMÊNCIA pela água. **O Povo**, Fortaleza, 13 out. 2017. Caderno especial. 8 p.

A SECA que matou os peixes. **O Povo**, Fortaleza, 30 ago. 2016. Caderno especial. 12 p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier [...]. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARTIER, R. **Formas e sentido cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2003.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3AB6fBx>. Acesso em: 30 ago. 2022.

DOCUMENTO BR: histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais. **O Povo**, Fortaleza, 2006. Caderno especial. p. 12 p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. *In*: LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. *In*: LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.

JODELET, D. Formes et figures de l'altérité. *In*: SANCHEZ-MAZAS, M.; LICATA, L. **L'Autre**: regards psychosociaux. Grenoble: Les Presses de l'Université de Grenoble, 2005. p. 23-47.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes: 2015.

OS QUINZES: capítulo 1. **O Povo**, Fortaleza, 2015. Caderno especial. p. 10.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.